

**Turismo sexual:
aspectos simbólicos sobre o processo de territorialização do
agenciamento dos corpos na Vila das Garotas**

DOI: 10.2436/20.8070.01.206

Juliana Maria Vaz Pimentel

Doutora em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil.
Professora da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Brasil.
E-mail: juliana.vaz@unesp.br

Leonardo Giovane Moreira-Gonçalves

Mestrando em Museologia pela Universidade de São Paulo, Brasil.
Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual Paulista, Brasil.
E-mail: leonardo.giovane@unesp.br

Resumo

O objetivo da presente discussão visa demonstrar quais são as condicionantes que engendram a instituição dos territórios do comércio sexual no município de Rosana (São Paulo) e como ocorre o agenciamento dos corpos envolvidos nessa atividade. O ponto central para a compreensão dos territórios e territorialidades da prostituição se dá mediante as narrativas de moradores, garotas de programa, proprietárias das casas de entretenimento noturno e turistas, por serem esses os sujeitos que se deparam diariamente com as circunstâncias “ocultadas” pela dinâmica do “turismo sexual” travestido de “turismo de pesca”. A cidade de Rosana, situada no extremo oeste do estado de São Paulo, estruturou-se após a construção de duas Usinas Hidrelétricas na década de 1980, que se tornaram expoentes geradoras de emprego não só para os munícipes rosanenses como também para milhares de trabalhadores que chegaram à cidade. Porém, com o término das obras, muitos chefes de família ficaram desempregados, desencadeando, assim, uma forte crise econômica no município. Com a falta de emprego muitos moradores inseriram-se no mercado informal, desenvolvendo atividades ligadas ao turismo. Por Rosana localizar-se em uma área geográfica contemplada pela confluência dos rios Paraná e Paranapanema, o turismo de pesca ganhou expansão e hoje são muitos os moradores que sobrevivem das “redes de lucratividades”, geradas indiretamente através do turismo sexual. Com a abertura da pesca em todo primeiro de março, essa prática ganha notoriedade tanto pelo número de mulheres que chegam às casas de entretenimento noturno quanto pela quantidade de turistas que circulam na cidade à procura de ranchos, pousadas e entretenimento sexual,

alterando, assim, o ritmo pacato da cidade e dinamizando a economia dos setores comerciais formais e informais, dentre os quais o turismo sexual, temática sobre a qual discorre este trabalho.

Palavras-chave: Turista Sexual. Territorialização. Comércio Sexual. Agenciamento dos Corpos. Vila das Garotas.

1 INTRODUÇÃO

Por que o “outro”?

Nos remetemos ao momento em que fazia poucos meses que chegamos ao município de Rosana para residir no distrito de Primavera (SP) e um casal de amigos, residentes há muitos anos, solícitos, nos convidaram para conhecer o Balneário Municipal. Um convite repleto de atrativos e adjetivos irrecusáveis para aqueles que não conheciam nada do novo lugar de convivência. Neste momento, ainda não tínhamos a dimensão que seria através desse convite que se estabelecería o primeiro contato, entre tantos outros, que ocorreriam com os cidadãos rosanenses.

Nossas indagações sempre foram balizadas por constantes e inúmeras consternações em relação ao outro, mais precisamente sobre a alteridade. Nosso olhar analítico sempre se deteve para a tentativa de compreender o espaço e sua multiplicidade de fenômenos; não fenômenos de “espaços vazios”, e sim aqueles envolvidos por multiplicidades de vozes. Assim, começamos a observar e refletir sobre o espaço como sendo uma construção simultânea de histórias e, antes delas, a existência de identidades e de trajetórias de sujeitos que, ao se concatenarem com tempos e espaços, são capazes de desencadear novas relações socioespaciais.

Foi com esse olhar que começamos a perceber o território rosanense como dissonante de toda aquela exuberância dotada de Mata Atlântica nativa, do encontro dos rios Paraná e Paranapanema, ilhas, diversidade de fauna e espécies aquáticas, com que tratavam seus moradores. A princípio, não entendíamos o porquê da relação conflituosa entre os moradores de Rosana e de Primavera, como em uma relação de *insiders* (os estabelecidos, *daqui*) e de *outsiders* (os outros, *de lá*) (leituras posteriores levaram à aproximação com a análise construída por Norbert Elias e John L. Scotson, 2000). Com o tempo, as respostas foram chegando como que naturalmente por meio das histórias contadas por diferentes moradores, tanto do distrito de Primavera quanto do município de Rosana.

Dentre os fatos narrados pelos moradores, o que mais nos chamou a atenção, principalmente por presenciar alguns acontecimentos, foi a exposição de garotas adolescentes e mulheres jovens à situação de risco, mais precisamente envolvidas no comércio sexual¹. Foi a partir dessa observação e do questionamento do porquê de um município tão pequeno apresentar escancaradamente a exposição de corpos voltados à prática da mercantilização sexual, e não apresentar nenhuma intervenção por parte das políticas públicas locais, é que surgiu o presente foco da pesquisa: quem eram as mulheres que agenciavam seus corpos? Quais eram suas identidades, seus discursos, suas subjetividades e quais eram os territórios da prostituição em Rosana? Como se instituíram e se construíram? Como ocorria a manutenção da prostituição? Seriam essas

¹ A presente reflexão faz parte da dissertação de mestrado: “Territórios e territorialidades da prostituição em Rosana (SP)”, apresentado ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade da Grande Dourados –UFGD (2013) (PIMENTEL, 2013).

mulheres invisíveis aos olhos dos moradores? Até que ponto eram invisíveis, já que a prática da atividade sexual comercial era extremamente explícita, principalmente na área central de Rosana, especificamente, na Lanchonete Júpiter?

É nesse contexto que conduziremos nossas análises. Tentaremos conduzir a pesquisa distante de qualquer discurso que coloque a garota de programa como vítima de uma estrutura (de conjunturas) ou que a considere como um sujeito desviante dentro da perspectiva valorativa moralista. O que pretendemos realizar é uma leitura particular acerca de um território singular, dotado de distintas territorialidades. Acreditamos que um olhar direcionado a determinados sujeitos que compõem a dinâmica da cidade nos possibilita trilhar múltiplos caminhos capazes de levantar hipóteses e propiciar respostas em tantos campos que envolvem a sociedade.

Um dos indicadores que pode nortear a compreensão da ocorrência significativa da atividade comercial sexual em Rosana consiste no término das obras da Hidrelétrica Sérgio Motta, localizada entre os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, e a da Hidrelétrica de Rosana, localizada entre os estados de São Paulo e Paraná. O início da construção das hidrelétricas na década de 1980 atraiu muitos trabalhadores, oriundos de diferentes estados. Segundo narrativas de entrevistados, existiam muitos bares e grande parte era frequentado por mulheres que faziam programas. Outro fator importante para a perpetuação e manutenção da atividade comercial sexual tem sido, mais recentemente, a prática do turismo de pesca, que atrai a presença de muitos turistas, principalmente, no período da abertura da pesca que corresponde a primeiro de março e se encerra em outubro. O turismo pesca acaba por ocultar o turismo sexual no município que, direta ou indiretamente, gera renda para diferentes setores da sociedade, como donos de restaurantes, ranchos, supermercados, pousadas, pirangueiros (barqueiros), agropecuárias, taxistas, cabelereiras, manicures, lojas de artigos femininos, entre outros (PIMENTEL, GONÇALVES, 2016).

Neste sentido, buscamos compreender as relações temporais e espaciais que configuraram os territórios da prostituição desde a década de 1960 até 2012, por meio dos sujeitos nelas envolvidos. Outro aspecto fundamental na análise do comércio sexual está voltado às territorialidades componentes nas casas de entretenimento noturno da Vila das Garotas (localizada na estrada da prainha ou estrada municipal, atalho que interliga a cidade de Rosana ao distrito de Primavera), pois ao observarmos os sujeitos envolvidos, podemos compreender as fronteiras que são estabelecidas no cerne desses espaços, expressando assim, o acesso desigual desses grupos sociais a bens simbólicos e materiais.

Ao vivenciarmos os territórios do comércio sexual verificamos que os territórios das casas de entretenimento noturno eram extremamente múltiplos e efêmeros, e isso pode ser explicado por dois fatores: toda semana existiam garotas novas chegando e indo embora das casas, inviabilizando, em grande medida, qualquer arraigamento mais afetivo com o lugar. Da mesma forma, as pessoas (turistas) que compartilham dos territórios do prazer procuravam se envolver minimamente com o uso do lugar, para que suas identidades fossem, se possível, “invisibilizadas”. Porém, mesmo neste contexto efêmero, com tantas entradas e saídas de sujeitos, quando estacionávamos o carro na Vila, e precisamente em frente à casa da Luiza (casa noturna em que ocorreu a pesquisa participativa), se fazia notório os comentários, e quando adentrávamos na casa todos e todas já sabiam que havíamos chegado e o que fazíamos ali.

Sempre procuramos nos inserir no salão como qualquer outra pessoa e, antes de tudo, respeitar ao máximo o território ao qual ainda desconhecíamos. Desde a entrada até a saída, procurava observar todos os movimentos internos da casa, mas Luiza, ao

saber que estávamos na casa, fazia questão de sair do seu quarto e ir nos recepcionar. Ora ficávamos dentro do bar, ora na cozinha. Foi a partir dessa relação de confiança – e hoje de amizade – principalmente com Luiza, que as garotas foram se sentindo mais à vontade com nossa presença e assim começamos as primeiras conversas que se consubstanciariam na dissertação de mestrado (ver PIMENTEL, 2013).

Será dentro deste contexto, que procuraremos compreender como se instituíram e como se configuraram (2011-2013) os territórios e as territorialidades do comércio sexual em Rosana, especificamente, na Vila das Garotas, sem perder de vista as diferentes abordagens teóricas que discutem a temática em questão. Neste sentido, as discussões aqui presentes versam sobre as relações entre temporalidades e territorialidades da prostituição, na intenção de demonstrar como se deu o início do processo de agenciamento dos corpos em Rosana a partir de narrativas das donas de casas de entretenimento noturno, garotas de programa e de barrageiros que acompanharam o processo de dispersão espacial da atividade sexual comercial no município, dentro de uma perspectiva temporal e espacial.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização do trabalho, procuramos entrevistar proprietárias das casas de entretenimento noturno (ou “zonas²”, expressão pouco utilizada pelas “meninas³”), garotas de programa que trabalham na Vila das Garotas e as garotas de programa que só trabalham na rua, bem como moradores rosanenses em geral.

O trabalho de campo foi iniciado em maio de 2011. A metodologia aplicada foi sendo alterada ao longo do trabalho de campo. A princípio consistia em uma observação sobre os territórios a serem pesquisados. As pesquisas de campo restringiram-se à Vila das Garotas, onde se localizam as casas de entretenimento noturno. Procuramos conhecer todas as casas, juntamente com suas proprietárias e as garotas que lá residiam, porém a proprietária da Casa Amarela⁴, Luiza, foi a mais solícita em “abrir” a sua casa e nos contar sobre sua trajetória de vida, tornando-se uma proprietária de casa de prostituição. Luiza permitiu também que fizéssemos parte do cotidiano da sua casa, juntamente com suas garotas. Portanto, a observação participante, na Vila das Garotas, limitou-se fundamentalmente à casa da Luiza, embora, também pudemos transitar pelos territórios das outras casas, compreendendo assim os aspectos simbólicos que permeiam o interior de cada casa de entretenimento noturno.

Ao nos aproximar do território a ser investigado, achamos imprescindível nos apresentar e explicar quais os motivos que nos faziam estar ali. Foi então que resolvemos aplicar um questionário para coletar alguns dados quantitativos sobre idade, origem de lugar, grau de escolarização das garotas que residiam nas casas etc., mas essa tentativa foi em vão, pois as meninas se mostraram inibidas em falar sobre suas identidades. Ao perceber que essa metodologia estava sendo invasiva, resolvemos mudá-la e buscamos uma metodologia que nos permitisse observar e coletar informações a partir da realidade vivenciada por essas mulheres.

² Iremos utilizar a expressão: “casas de entretenimento noturno”, termo também utilizado por algumas garotas de programa.

³ Esse termo é usado pelas garotas de programa ao se referirem a outras mulheres que também exercem a mesma profissão. Neste sentido, expressões como meninas e mulheres também serão utilizados por nós, como forma de nos dirigirmos às garotas de programa.

⁴ Iremos também nos referir às casas de entretenimento noturno da Vila das Garotas pelas cores como estavam pintadas em 2012.

No entanto, a inviabilidade da aplicação do questionário foi levada em consideração, posteriormente, no momento da análise final dos dados. Consideramos o equívoco cometido em campo, ao nos depararmos com os apontamentos de Laplantine (2007, p.151), que discorre sobre os desacertos que nós pesquisadores cometemos quando estamos em campo: “as tentativas abordadas, os erros cometidos no campo, constituem informações que o pesquisador deve levar em conta, bem como o encontro que surge frequentemente com o imprevisto, o evento que ocorre quando não esperávamos”.

Por se tratar de uma pesquisa também etnográfica⁵, colocamos em prática as orientações de Malinowski (1979), em que discorre sobre a importância de se estabelecer laços afetivos mais intensos nos ambientes a serem analisados, permitindo ao pesquisador olhar, de alguma forma, compreender e conviver mais profundamente com os sujeitos em análise. Dessa maneira, conduzimos os trabalhos de campo utilizando como metodologia a observação participante. Procuramos vivenciar o ritmo da casa da Luiza como mais uma pessoa qualquer em busca de distração. No início não foi nada fácil compor aquele território sem sermos percebidos, pois desde o primeiro dia que estabelecemos um contato com a Luiza, procuramos explicitar quais eram nossos objetivos em estar ali e logo a notícia se espalhou, causando um burburinho entre as garotas de programa da casa da Luiza e da Vila.

Por observação participante, entende-se que essa é definida:

[...]como um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados, e, participando com eles em seu ambiente natural de vida, coletando dados. Logo, o observador é parte do contexto, sendo também observado, no qual ele ao mesmo tempo modifica e é modificado por esse contexto. O papel do observador participante pode ser tanto formal como informal, encoberto ou revelado, o observador pode dispensar muito ou pouco tempo na situação da pesquisa; o papel do observador participante pode ser uma parte integral da estrutura social ou ser simplesmente periférica com relação a ela (HAGUETTE, 2010, p. 67).

Nos primeiros dias de trabalho de campo era impossível entrar na Casa Amarela e não sermos notados. Os olhares das garotas se faziam perceptíveis e buscávamos imaginar o que elas pensavam sobre nós. Várias foram as vezes que nos sentimos invadindo um território que não era nosso e que não haveria possibilidade alguma de um dia nos inserir no território dos *insiders* (curioso e engraçado: as garotas eram *outsiders* para os moradores de Rosana, mas ali, naqueles primeiros contatos, éramos os *outsiders* no meio delas).

A metodologia da observação participante nos ofereceu inúmeras possibilidades para pensar quem eram as garotas de programa. Foi por meio dessa metodologia que começamos a admirar e a respeitar esse universo tão rotulado e estigmatizado pela

⁵ Malinowski (1979) realizou uma pesquisa de campo nas Ilhas Trobriand na Nova Guiné no início do século XX e, por um longo período, conviveu com uma tribo onde passou a descrever os comportamentos, costumes habituais e suas manifestações, como forma de apreender os modos de pensar e agir típicos da cultura analisada. Dessa maneira, procurou observar, conviver e investigar a vida dos nativos da Ilha Trobriand no intento de compreender a organização social tribal sob a perspectiva tribo.

sociedade. Após inúmeros trabalhos de campo percebemos que a metodologia de pesquisa havia mudado. Se antes era uma observação participativa, agora a participação tomou o lugar da observação, permitindo que construíssemos uma relação de maior proximidade com as garotas. Assim, começamos a interagir com os assuntos cotidianos, e a cada novo dia que chegávamos à Casa Amarela, nossa permanência já não trazia mais desconfortos às garotas, sendo que até os cumprimentos que outrora se faziam distantes e frios tornavam-se mais receptivos e calorosos.

Assim, nos vimos fazendo parte da rotina da casa da Luiza, passando a ser convidados a frequentar almoços, churrascos, ficar no salão conversando com as meninas e seus clientes, ao ponto de algum tempo na noite poder ocuparmos o lugar da gerente da casa, como também lavando copos, desempenhando várias funções até que deixamos de nos sentir *outsider*, passando a “estabelecidos” na casa da Luiza. Nesse momento, passamos a compartilhar problemas particulares inerentes à casa e a questões familiares e conjugais de Luiza.

Tão inesperado como interessante nos trabalhos de campo foi o surgimento de uma “rede de indicações” e laços de amizades, que foram se estabelecendo e se organizando, mesmo que inconscientemente, para viabilizar a concretização da pesquisa. As próprias garotas de programa, clientes, proprietárias das casas, especificamente Luiza, pirangueiros, moradores, preocuparam-se em indicar pessoas que pudessem colaborar para o desenvolvimento da pesquisa. Essa rede de indicação tornou-se primordial para que pudéssemos compreender detalhadamente como funcionava a dinâmica do turismo sexual em Rosana.

Dessa forma, desde o segundo semestre de 2011, convivemos com Luiza e suas garotas de programa e, foi desta maneira que conseguimos coletar um rico material que se encontra registrado em diários de campo, entrevistas semiestruturadas e diálogos informais realizados com o uso do gravador com a permissão das entrevistadas, além de ter ocorrido a possibilidade de filmar depoimentos da Luiza e de uma garota de programa da rua, sobre os motivos que as levaram a se tornar garotas de programa, suas visões sobre essa atividade e suas expectativas para o futuro. Esse procedimento possibilitou compreender as relações estabelecidas entre os territórios que as garotas ocupam e o uso de seus corpos como uma atividade comercial e as relações que compõem a tríade corpo-território-poder.

3 DESENVOLVIMENTO

“Veja bem, minina, eu vim lá dos fundos de Cuiabá, lá do meio das cobra, lá do meio do mato”, diz Tia Joana⁶, uma das cafetinas mais velhas de Rosana (SP), recordando-se de como era o lugar onde morava. “Eu vim de Cuiabá pra cá, pra pisá na poeira perdida e para chegar até aqui eu viajei, viajei, viajei...”

Tia Joana, assim conhecida em toda a região⁷, foi uma das poucas proprietárias de casas noturnas que vivenciou todo o processo de remanejamento das casas que estavam localizadas na Vila Áurea e foram transferidas para a Estrada da Prainha – Vila das Garotas. Proprietária de duas casas noturnas, reside na Vila das Garotas (em uma de

⁶ Os nomes das entrevistadas foram alterados para manter o sigilo de suas identidades, exceto os nomes da Tia Joana e da Luiza foram mantidos a pedido das mesmas.

⁷ Aqui usamos “região” em sentido mais usual que conceitual, pois não é questão de análise em nosso trabalho. A região, como apontada aqui refere-se a Rosana e municípios próximos, tais como Euclides da Cunha, Teodoro Sampaio e Presidente Prudente (SP), Nova Andradina e Bataiporã (MS), Diamante do Norte, Nova Londrina e Marilena (PR).

suas casas noturnas, o Corujão) e recorda-se com muitos detalhes do momento em que chegou em Rosana e onde localizava-se uma das primeiras áreas de comércio sexual rosanense:

Era lá pro lado do rio Paraná, lá pra quem vai pra Nova Londrina, uns cinco quilômetros antes de chegar no rio, lá perto é que era a zona. Você acha que esse negócio de putaria começou agora? Desde 1960 já existia isso aqui, lá perto das fazendas (Tia Joana, entrevista realizada em 20/11/2011).

Segundo ela, o comércio sexual já ocorria na região desde a década de 1960⁸, e justifica tal ocorrência pela presença de muitos fazendeiros. Naquele período, era notória a presença de várias mulheres oriundas de diversas cidades da região⁹: Rancharia e Panorama (SP), Maringá, Nova Londrina e Londrina (PR) e Cuiabá (MT).

Após a década de 1970, houve a instituição dos bares para a Vila Áurea, bairro situado no município de Rosana. A prostituição nesse local teve seu território definido pelas proprietárias das casas noturnas e dos bares¹⁰, pois ali concentrava-se uma grande mobilidade de homens, constituindo-se, assim, um forte atrativo para a prática dos serviços sexuais que ali residiam e transitavam.

Os moradores que viveram na Vila Áurea contam que o convívio dos mesmos com as garotas de programa sempre foi de muito apreço. “As mulheres sempre nos respeitaram”, diz uma moradora que teve um bar na cidade. “Elas sempre trataram nossos filhos, que na época eram pequenos, com muito carinho e nunca desrespeitaram nossa família”, diz dona Isaura¹¹. A mesma entrevistada conta: “aquelas mulher respeitava a gente muito mais do que as mulher da rua, elas iam na minha casa comprar produto da Avon e peça íntima, nunca me fizeram nada e sempre me pagava direitinho” (Entrevista realizada em 26/01/12).

Dona Isaura¹² também relatou com muita emoção uma história que disse: “completou 30 anos em 30 de julho de 2012 e que ficará marcada para toda a minha

⁸ O distrito de Rosana foi criado em 28 de fevereiro de 1964, com território pertencente ao município de Presidente Epitácio. Com um plebiscito em 27 de janeiro de 1966 o distrito de Rosana passou a pertencer ao município de Teodoro Sampaio. Sua emancipação ocorreu somente em janeiro de 1990.

⁹ A frequente mobilidade fronteiriça das mulheres desde a década de 1960 e até os dias atuais pode ser explicada pelo fato do município de Rosana estar localizado em uma área de tríplice-fronteira de estados brasileiros. O marco considerado como fronteira de Rosana (SP) ao Estado do Mato Grosso do Sul seria a ponte da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Mota, no Rio Paraná, interligando os dois estados. O mesmo acontece com o limite de município de Rosana ao Estado do Paraná, nesta área, encontra-se a Hidrelétrica de Rosana, situada no ponto mais próximo da foz do rio, onde as águas do Paranapanema juntam-se a do rio Paraná. Neste sentido, pode-se concordar com Grinson (apud OLIVEIRA, 2005, p. 379) quando diz: “a frontera fue y es simultáneamente um objeto/concepto y um concepto/metáfora. De uma parte parece haber fronteras físicas, territoriales; de la outra, fronteras culturales, simbólicas”. Neste mesmo sentido, sobre a noção de fronteira, Benveniste (apud RAFFESTIN, 2005, p.10) constata que a fronteira “é ao mesmo tempo material e moral. Assim, fronteira não é somente um fato geográfico, mas também é um fato social”.

¹⁰ Os moradores que residiram em Rosana nessa época, nos disseram que os contatos para a realização dos programas aconteciam também nos bares, e muitas mulheres frequentavam esses lugares em busca de clientes.

¹¹ Os nomes dos moradores que aceitaram dar entrevistas foram alterados a pedido dos mesmos, exceto os nomes das proprietárias das casas da Vila das Garotas e do senhor Rubens.

¹² Essa história relatada por dona Isaura, que ocorreu há 30 anos, não é muito diferente da rotina relatada pelas garotas de programa. Às que tem filhos, ou deixam com os avós para cuidarem ou contratam babás para passarem principalmente a noite com as crianças. Há garotas que possuem duas babás, uma para o dia e outra para a noite.

vida”. Esse acontecimento ocorreu na Vila Áurea, onde residia com seu marido e seus filhos:

Naquela época as prostituta que não tinha com quem deixar seus filho, contratava uma espécie de babá para ficar com eles. Na verdade, essas criança morava com as babá e as verdadeira mãe dava dinheiro para comida, fraudas, remédio e roupa. As criança até chamava essas babá de mãe. Mas tinha uma prostituta que veio lá do Paraná que engravidou de um turista e como tava em época que o movimento tava fraco, ela tava sem dinheiro pra pagar os gasto da criança. Aí eu sempre conversava com ela e ela deixava o menino na babá. Ela dizia que não queria aquela vida pro filho dela, porque ela sabia que ele ia ficá um tempo em uma casa e ia chamá aquela babá de mãe e depois ia pra outra e chamá a outra de mãe. Ela perguntou se eu não queria pegar ele pra mim e disse que se eu não pegasse ela ia deixar a criança lá no postinho. Aí eu fiquei com dó da criança e peguei o menino para criar (Entrevista realizada em 26/01/2012).

100

Diante do depoimento de Dona Isaura, podemos verificar que na Vila Áurea não existia somente residências familiares, o bairro era constituído também por moradias de garotas de programa, abrigo para os peões das obras das hidrelétricas, casas de entretenimento noturno e, por mulheres que ficavam com o “cuidado” de crianças, cuja, as mães, não podiam cuidar porque prestavam serviços sexuais em diversos horários do dia e da noite. DaMatta (1997, p. 32), ao referir-se sobre o espaço, retrata que a sociedade brasileira se “singulariza pelo fato de ter muitos espaços e muitas temporalidades que convivem simultaneamente [...], mas posso dizer que tanto o tempo (ou a temporalidade) quanto o espaço, são invenções sociais”. Já Carlos (2007, p. 20) considera que “a produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar”.

Os seres humanos fazem sua própria história. Isto significa que as configurações espaciais de uma vida social são uma questão de importância tão fundamental para uma teoria social como as dimensões da temporalidade, e, (...) para muitos fins é conveniente pensar em termos de um espaço-tempo ao invés de tratar tempo e espaço separadamente (GIDDENS, 1991, p. 28).

É no contexto de ordem temporal e espacial que se instituíram os territórios do prazer na Vila Áurea e, nesta mesma perspectiva, é que darão continuidade as novas configurações dos territórios e territorialidades da prostituição rosanense; territórios imbuídos de diversas histórias e diferentes sujeitos que darão ao longo do tempo ornamentos às alteridades da geografia do prazer em Rosana.

Moradores que chegaram a Rosana antes do início das obras da Usina Hidrelétrica¹³ localizada no rio Paranapanema, e instalada entre os municípios de

¹³ A Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta, também chamada de Usina Hidrelétrica Porto Primavera, está localizada no município de Rosana e faz divisa com Mato Grosso do Sul e Paraná. O distrito de Primavera, localizado a 12 Km de Rosana foi planejado e construído pela CESP (Companhia Energética do Estado de São Paulo) para alojar os trabalhadores da construção da usina, uma das maiores do estado e a maior em extensão do país. Em 1992, Primavera tornou-se distrito do município de Rosana.

Rosana e Diamante do Norte (PR), contam que os bordéis¹⁴ aumentaram significativamente com o início das obras em 1980, pois neste período chegaram aproximadamente 30.000 trabalhadores. Havia uma grande concentração de casas noturnas na rodovia que interligava Rosana a Diamante do Norte e também na entrada da rodovia entre Rosana a Primavera:

Tinha gente que vinha trabalhar de todo o lugar, e na primeira curva antes de chegar em Diamante do Norte tinha a primeira zona Flor de Lis, logo depois que passava a barragem de Rosana. Os construtores não impediam, não. Conforme o fluxo de dinheiro foi aumentando, a prostituição também foi. Teve época de ter aproximadamente 20.000 funcionários entre as Usinas de Rosana e Sergio Motta (Barrageiro aposentado, entrevista realizada em 15/01/2012).

Ao entrevistar uma moradora e garota de programa (Gal), e ao questioná-la sobre quais eram os pontos de prostituição em Rosana na década de 90, ela relatou, rindo, que:

Era lá na Vila Áurea, era muito mato, a gente morava numa chácara por lá e íamos para escola a pé, eu com 7 anos e meu irmão com 8, daí a gente passava por várias casas e a mulheres sempre estavam lá fora sentadas de calcinha e sutiã, e outras só de calcinha e eu tinha que ficar puxando meu irmão, porque ele não parava de olhar pra elas, ficava hipnotizado (Entrevista realizada em 18/01/12).

Mesmo que a Vila Áurea tenha sido construída para abrigar as famílias dos trabalhadores das barragens, existiam bares voltados à prática do comércio sexual dentro do bairro e também nas redondezas, em áreas mais longínquas. Para chegar até essas casas noturnas era preciso adentrar em ruas de terras, com matas fechadas. Disseram os entrevistados que eram poucas casas (não souberam responder quantas), mas que residiam muitas mulheres, todas elas vindas de boates de cidades da região e que fazia-se perceptível a presença dessas mulheres pelas ruas da Vila Áurea, evidenciando, dessa forma, a apropriação do espaço por sujeitos que o utilizavam diferentemente das famílias e peões que residiam na mesma vila.

A história do indivíduo é aquela que produziu o espaço e que a ele se imbrica por isso que ela pode ser apropriada. Mas é também uma história contraditória de poder e de lutas, de resistências compostas por pequenas formas de apropriação. O espaço do poder enquanto espaço do vazio é o espaço do interdito / interditado. [...]. O espaço é construído em função de um tempo e de uma lógica que impõe comportamentos, modos de uso, o tempo e a duração do uso (CARLOS, 2007, p.19).

A descrição feita por Gal e a história de dona Isaura, nos leva a pensar sobre a relação espaço-tempo na perspectiva de Massey (2008, p.15), que vê o espaço imbuído por trajetórias que convivem em um mesmo espaço: “se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social”. Hoje a Vila Áurea transformou-se em

¹⁴ No sentido da pesquisa, os termos bordel, bares, casas de entretenimento noturno, zona, são utilizados para designar territórios onde ocorrem a atividade comercial sexual.

um bairro estritamente residencial, mas, ainda, é lembrado pelos moradores rosanenses, como um lugar que outrora, encontrava-se repleto de garotas de programa e “peões” que utilizavam seus serviços, um território do turismo sexual. É neste sentido que existe uma concordância ao afirmar que o tempo é a dimensão da mudança. Se na década de 60 as casas de entretenimento noturno (os “bares”, como se referiram os entrevistados), localizavam-se somente próximo à estrada do Porto Amizade, quando a Vila Áurea foi formada com o objetivo de abrigar as famílias dos barrageiros, na década de 70 e 80, os bares migraram para a Vila Áurea sob a justificativa (das proprietárias dos bares) de ficarem mais acessíveis aos peões, reconfigurando, assim, a apropriação espacial da Vila Áurea.

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009, p.88).

Dessa forma, o espaço vivido e resgatado por dona Isaura demonstra o espaço da multiplicidade de vivências, não só dela, mas também das garotas de programa que residiam na Vila Áurea ou nas casas noturnas. Assim, também podemos pensar no espaço citado por Gal, na Vila Áurea, como um espaço de liberdade, sem restrições morais, com estilo unitário, um espaço onde a censura à exposição dos corpos, não faz parte dos hábitos corriqueiros dos sujeitos que compõem o ambiente de vivência.

Os territórios da atividade sexual comercial rosanense estão dotados de “toponímia”, que, para Corrêa, (2003, p. 176): constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. É ainda, um poderoso elemento identitário. A toponímia, articula linguagem, política territorial e identidade.

Assim, o tempo se compõe mutuamente ao espaço e este é composto pelas relações sociais que se estabelecem ao longo de um processo histórico e que consubstancia-se em um território, construindo-se desta maneira, as territorialidades explicitadas nos territórios do prazer de Rosana, principalmente pelos trejeitos, formas de vestuários e linguagens utilizadas pelas garotas de programa.

4 O PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRORIZAÇÃO NA VILA DAS GAROTAS E O TURISMO SEXUAL

O processo de desterritorialização das garotas de programa da Vila Áurea iniciou-se com o mandato do prefeito Newton Rodrigues da Silva, entre 1997 a 2000 (“Miltinho”, assim denominado e conhecido pela população). Ainda em seu mandato, houve total remoção das casas noturnas da Vila Áurea para um terreno onde atualmente concentram-se as casas de entretenimento noturno – a Vila das Garotas.

A prefeitura cedeu uma área que, naquela época, encontrava-se distante da cidade de Rosana (a aproximadamente dois quilômetros). A primeira casa a ser construída foi a da Tia Joana; sua casa foi construída com a colaboração de um político-

candidato como forma de agradecimento aos seus trabalhos como mãe-de-santo¹⁵ - os trabalhos, destinados aos orixás, buscavam fazer com que o candidato obtivesse êxito nas eleições.

Contam as atuais proprietárias das casas da Estrada da Prainha que, quando terminou de ser construída, a casa de Tia Joana – o Corujinha¹⁶ (casa azul/ Figura 1) – vieram seis proprietárias de casas a noturnas trabalharem para ali. Posteriormente, algumas mulheres e ex-garotas de programa da Tia Joana também conseguiram terrenos ao lado do Corujinha, construindo seus próprios estabelecimentos noturnos (atualmente são oito casas noturnas). Luiza é uma dessas ex-garotas que trabalhava para Tia Joana e que conseguiu construir sua casa, próxima do Corujão.

Tia Joana e Gal¹⁷ afirmaram que a migração das “zonas” para a atual área, denominada de Estrada da Prainha, foi uma forma de fazer uma “limpeza na cidade”, pois na época a Vila Áurea estava se expandindo para o centro da cidade e já era um bairro residencial, ou seja, a proximidade provocava estranhamentos entre uma condição socioespacial de promiscuidade e outra, familiar. Então, foi necessário desterritorializar as “zonas” da Vila Áurea, que na época era o bairro central da cidade, e reterritorializá-las em uma área periférica da cidade, mais precisamente na Estrada da Prainha.

Nas cidades brasileiras, a demarcação espacial (e social) se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora. Para verificar isso, basta conferir a expressão brasileira “centro da cidade” e também a conotação altamente negativa do espaço sub-urbano [...]. O espaço é demarcado quando alguém estabelece fronteiras, separando um pedaço de chão de outro. Mas nada pode ser tão simples assim, porque é preciso explicar de que modo as separações são feitas e como são legitimadas e aceitas pela comunidade da propriedade privada e suas origens [...] (DAMATTA, 1997, p.32).

No processo de desterritorialização das casas de entretenimento noturno, até então, situadas na Vila Áurea, segundo depoimentos, nenhum prefeito teve a intenção de erradicar a mercantilização sexual; pelo contrário, ouvimos muito que os mesmos tinham noção da importância de tal prática para os moradores, principalmente, para os milhares de “peões” que estavam residindo na cidade entre 1980 a 2000 (aproximadamente). Porém, era extremamente importante invisibilizar a presença das garotas de programa na cidade, ou seja, criar uma política de tolerância, mesmo que a prostituição possuísse o estigma de comportamento desviante aos olhos dos cidadãos locais. Mas, para a visão política e econômica dos administradores da cidade tornou-se um “mal necessário¹⁸”, já que era indispensável manter os espaços de entretenimento

¹⁵ Tia Joana em sua juventude trabalhou com a Mãe Menininha dos Gantois, uma das mais respeitáveis mãe-de-santo da Bahia, tornando-se também mãe-de-santo; adepta do candomblé fez muitos trabalhos para outros cidadãos que possuíam cargos públicos importantes no município.

¹⁶ Não conseguimos dados referentes à construção do Corujão. Corujão e Corujinha ainda pertencem à Tia Joana.

¹⁷ Gal é garota de programa quando está desempregada. E foi uma das principais “guias” para que tivéssemos acesso a outras garotas de programa.

¹⁸ Souza (1998, p. 69), diz que essa expressão agrega uma série de conotações culturais, sociais, econômicas e políticas e que, ao tentar compreender esse termo ligado à prostituição, seria possível “entender a tese da existência dos prostíbulos como fator de proteção e preservação das famílias da sociedade”.

noturno para os quase 20.000 “peões” que haviam chegado à cidade.

O motivo pelo qual levou o então prefeito Newton a tomar a decisão de remover as mulheres da Vila Áurea, foi justificado pelas proprietárias das casas noturnas, que vivenciaram essa migração, pelo fato da vila estar crescendo e encontrar-se situada em um bairro residencial, e também porque as “zonas” estavam ficando muito próximas da cidade, colocando em “risco” a ordem e a moral dos munícipes, já que as garotas de programa eram vistas como pessoas de “vida fácil” e com comportamentos desviantes. Simões (2010), ao realizar uma pesquisa etnográfica na Vila Mimososa, lugar repleto de casas de prostituição no Rio de Janeiro, verificou que:

o fantasma da prostituição também reforçava a noção de alteridade simbolizando um mundo onde tudo se transformava em mercadoria e instituindo, assim, fronteiras simbólicas que organizavam as relações sexuais num espaço geográfico da cidade especialmente destinado à evasão, aos encontros amorosos e à vida boêmia (SIMÕES, 2010, p. 44).

Dentro deste contexto descrito por Simões (2010) é que será importante reterritorializar as garotas de programa e suas aparentes invisibilidades, pois, o processo de remanejamento das “zonas” esteve totalmente envolto por relações de poder. Foucault (1988), ao discorrer sobre as relações existentes entre discurso, poder e sexo, nos chama a atenção para “os silêncios” em que estes, “dão guarida ao poder”, [...] O discurso, como o silêncio, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele” (FOUCAULT, 1988, p.111). E foi o que ocorreu no processo de desterritorialização das “zonas”, uma vez que as proprietárias e suas garotas não se submeteram totalmente aos ditames do prefeito da época, pelo fato de conseguirem criar um novo território do prazer, sem entrar em conflito direto com as ordens/poder estabelecidos pelo prefeito.

No caso em estudo, consideramos que os “silêncios” atrelam-se a todos os processos de disseminação espacial dos territórios da prostituição, pois em todas as narrativas das mulheres envolvidas nessas dinâmicas não houve em nenhum momento uma forma de resistência ou questionamento em relação ao remanejamento de suas casas noturnas. Esses “silêncios” estão imbuídos de uma série de significados, como as relações de poder que se estabelecem ocultamente, e que, por vezes, justificam as relações sociais que são construídas territorialmente.

Ainda neste contexto, iremos nos apropriar do termo “ausência” para elucidar a invisibilidade da prática do comércio sexual por parte da maioria dos indivíduos que frequentam os territórios do comércio sexual e que são invisibilizados, até mesmo, por órgãos públicos, já que até 2012, nada foi feito para minimizar tal prática que envolve também garotas na fase infanto-juvenil. Para moradores, turistas, órgãos públicos, é evidente e explícita a prática do comércio sexual, mas consideram-no tradicional e ou “natural” do município, transformando-o invisível a seus olhares. Nesta perspectiva, podemos perceber que os discursos se servem de práticas descontínuas e, que por vezes, podem se cruzar, se ignorarem e também se excluírem.

No que concerne aos procedimentos e estratégias estabelecidos pelo prefeito do município de Rosana, em reterritorializar essas mulheres em um território afastado da cidade, pode-se apontar que:

A implantação das previsões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades

periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. E nesse avanço dos poderes, fixam-se sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma identidade, um lugar, um gosto, um tipo de prática (FOUCAULT, 1988, p. 56).

Diante do excerto acima, ao serem reterritorializadas (as “zonas”) na Estrada da Prainha, Luiza e Lucia¹⁹ nos contaram que quando ocorreu a inauguração da casa da Tia Joana – Corujão – e da casa da Luci, houve um movimento grande na vila:

A inauguração aqui foi linda. Lotou de gente. Veio um monte de mulheres de outras cidades para a inauguração. A Luci e a Joana fizeram uma grande festa de inauguração. A Luci trouxe uma menina de Cianorte que cantava igual a Sula Miranda. Veio muita gente, de tudo quanto era lugar, foi muito legal e alegre. Veio até o prefeito (Luiza, entrevista realizada em 27/01/2012).

Em 2021, a Vila das Garotas contava com duas casas de proprietárias que no passado trabalharam para a Tia Joana: Luiza, já mencionada, e Luci, além de outras duas casas: Favorita – Night Club, da Josi, e a casa da Lucia, que já trabalhou como garota de programa na casa da Luiza.

Figura 1 – Vila das Garotas I – Corujão (de acordo com placa) e Corujinha (casa à esquerda).



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel 2011.

A Figura 2 demonstram além da fachada do Corujinha, os lugares onde se iniciam os programas no interior da casa. No período de intenso movimento na Vila (abertura da pesca), as garotas de programa que residem na casa ensaiam coreografias para possíveis shows que poderão ocorrer em momentos em que o Corujinha e Corujão possam estar repletos de turistas em suas intermediações.

¹⁹ Lucia, 47 anos, trabalhou durante muito tempo na casa da Luiza e começou a agenciar seu corpo aos 19 anos; atualmente é proprietária de uma casa noturna que abriu recentemente na Vila das Garotas.

Figura 2 - Fachada e Bar do Corujinha



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel, 2011.

Figura 3 – Salão do Corujinha



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel, 2011.

Conseguimos, em 2011, realizar uma filmagem no interior do Corujinha. Quem nos recepcionou foi o “Marcos do Brasil”, um babalorixá de Nova Andradina (MS), que havia sido contratado pelo filho da Tia Joana para fazer uma limpeza espiritual no lugar. Infelizmente, “Marcos do Brasil” não pode nos dar detalhes sobre a casa, como funcionamento, movimentação, garotas que ali residiam, clientes, turistas, etc., pelo fato de ter chegado ao Corujinha recentemente e por não conhecer a dinâmica da casa.

Figura 4 - Corujão



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel, 2011.

Figura 5 - Salão Corujão-Dia



Juliana Maria Vaz Pimentel, 2012.

Durante os trabalhos de campo, raras foram às noites que encontramos as duas casas de entretenimento noturno funcionando e, quando encontramos, percebemos que culminara na abertura da pesca. Na maioria das vezes, tanto na abertura da pesca quanto no fechamento da mesma, encontramos o Corujão ou o Corujinha com garotas de programa e turistas.

Figura 6 - Vila das Garotas II



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel, 2011.

A Figura 6 foi tirada como que vem do centro de Rosana, através da Rua Ant^a C. S. Pachú, portanto, a ordem de localização das casas neste sentido, se dá com início das casas da Tia Joana: Corujão e Corujinha conforme demonstra a Figura 1. Assim, quem seguir adiante encontrará as outras casas. A primeira delas será a casa da Luiza - Casa Amarela. Uma das casas de entretenimento noturno mais movimentada por turistas da Vila das Garotas, tanto na abertura da pesca, quanto em períodos de pouca rotatividade de turistas na cidade.

Figura 7 – Casa da Luiza (Casa Amarela)



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel, 2011.

Logo em frente à Casa Amarela situa-se a Casa Verde do Darcy. Disse-nos Luiza na época que ele não reside em Rosana.

Figura 8 – Casa do Darcy



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel, 2011.

A casa do Darcy encontrava-se fechada. Na época Luiza havia pensando em alugá-la para abrir um “karaokê” e servir porções e bebidas aos turistas. Luiza pensa em oferecer serviços que não são prestados na sua casa, por isso a casa do Darcy se tornaria uma espécie de extensão da Casa Amarela.

Figura 9 - Salão da Casa do Darcy



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel, 2011.

Ainda na Vila das Garotas, ao lado direito da Casa Amarela, encontra-se a casa da Lucia, inaugurada no final de 2011. Lucia já trabalhou como garota de programa na casa da Luiza. As duas possuem uma longa história de vivência e ambas também já trabalharam em outras casas noturnas como garotas de programa. Lucia, ao ser entrevistada, demonstrou-se muito feliz em conseguir abrir seu próprio estabelecimento comercial, pois nos revelou ter sofrido muito para criar seus filhos sozinha como garota de programa. Justificou ainda que se sentia aliviada em não ter mais que prestar serviços sexuais e, então, tinha o auxílio de seu filho para ajudar nos assuntos administrativos da casa.

Figura 10– Casa da Lucia



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel, 2012.

Em uma dada tarde conseguimos realizar algumas entrevistas com as garotas de programa da Favorita, em frente da “casa”. No entanto, quando retornamos em outro momento, pudemos perceber que fomos invasivos, causando uma espécie de desconforto à proprietária e às garotas de programa que lá residiam. Esse fato nos apontou indícios de que cada casa de entretenimento noturno da Vila das Garotas possui singularidades inerentes a identidades das proprietárias das casas.

Figura 11 – Favorita - Night Club



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel, 2012.

A Favorita conta com uma pista de *pole dance* e um bar. Nestas intermediações da casa ocorre *strip-tease*, e é onde as garotas de programa ensaiam coreografias que serão apresentadas aos turistas. Cabe ressaltar que os turistas pagam para assistir ao “show” das garotas de programa e, caso se interessem por uma garota de programa, o mesmo terá que pagar pela prestação dos serviços oferecidos a eles.

Figura 12- Salão e Bar da Favorita



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel, 2012.

Pudemos conhecer o espaço interno da casa e entrevistar algumas garotas que estavam trabalhando ali. Entre as entrevistadas estavam duas garotas que migraram para a casa da Luiza e que lá permanecem atualmente. A primeira garota entrevistada é oriunda do Estado do Rio de Janeiro e chegou até Rosana por indicação de uma amiga; a segunda garota havia iniciado o ofício de garota de programa há dois dias antes da nossa entrevista. Ela trabalhava como boia-fria e disse estar muito descontente com o trabalho que exercia no campo: “*era muito difícil trabalhar de sol a sol e cortando cana, chegava em casa quase morta com esse sol e na hora de pegá o dinheiro não dava pra nada*” (Marcia, entrevistada em 16/01/2012).

Em frente à Favorita está a casa da Luci – casa Branca e Verde. Luci também já trabalhou com Luiza nos tempos em que ainda faziam programa. Hoje Luci é casada e seu marido a ajuda nos assuntos administrativos da casa. A casa da Luci, dentre todas as outras, é a mais estruturada fisicamente, pois conta com uma ampla área de lazer, dotada de piscina e área para churrasco.

Figura 13 – Casa da Luci



Fonte: Juliana Maria Vaz Pimentel, 2012.

Por meio das imagens podemos apresentar uma aproximação visual sobre a configuração da Vila das Garotas e o interior das casas de entretenimento noturno de

Rosana. Ao retirar as garotas de programa de um determinado território e ao ser delimitado um novo território de convívio, legitimado pelos sujeitos que regem o poder local, estabeleceu-se um limite entre duas condições distintas: *nós*, os estabelecidos, e os *outros*, os *outsiders*. Raffestin (1993) aborda que o “limite é criado por uma coletividade que ao delimitar seu espaço acaba fixando um território onde este mantém uma estreita relação com o poder”.

Ao questionarmos uma das entrevistadas sobre sua relação com o território²⁰ onde vive, Bárbara nos responde:

minha relação é boa, porque aqui é onde eu moro e trabalho para sustentar a minha vida e mandar dinheiro para o meu filho. Aqui tem gente que já passou pelos mesmos problemas que eu, ou até pior. Aqui a gente se entende, fala a mesma língua, tenho amigas. Tem meninas de tudo quanto é lugar. Todo mundo é igual, a gente se respeita (Entrevista realizada em 17/01/2012).

112

Diante deste depoimento, fica evidente que Bárbara se identifica com o lugar onde reside e trabalha. São nestes espaços²¹ que muitas meninas constroem suas territorialidades. Formas de se vestir, linguagem, hábitos de lazer e subjetividades efetivam materialmente e cognitivamente o espaço, destacando os traços identitários dos sujeitos que ali estão inseridos.

Ao tentarmos elucidar os processos inerentes ao movimento territorial exercido pelas garotas de programa da Vila das Garotas, não podemos deixar de mencionar o agenciamento dos corpos (na perspectiva de Deleuze, 1995), que considera que todo o agenciamento é territorial e que, portanto, os agenciamentos são constituídos de movimentos de territorialização e desterritorialização, sendo envoltos por “um conjunto de relações materiais e de um regime de signos”. Tal concepção pode ser verificada quando passamos a compreender os aspectos simbólicos e materiais que perfazem os territórios do prazer na Vila das Garotas, e se tornaram mais explícitos para nós quando passamos a frequentar a casa da Luiza.

Uma das casas recém-inauguradas é de propriedade da Lucia, que já trabalhou para Luiza. Na visão dessas mulheres, abrir e gerenciar uma casa noturna significa ascensão social, uma vez que estão “deixando de ser mandadas, para mandar”. Para estas mulheres que um dia foram garotas de programa e hoje tornaram-se proprietárias de seu estabelecimento comercial, essa transição significa uma ascensão hierárquica, não só um *status* social, mas a possibilidade de poder melhorar a condição de vida das pessoas que vivem de sua renda e de não precisarem mais utilizar seus corpos como instrumentos mercantis, muito embora, só consigam obter rendas, através da mercantilização dos corpos das garotas de programa que trabalham em suas casas de entretenimento noturno.

Dessa forma, o trabalho de campo demonstrou que a Vila das Garotas representa um território de resistência, mesmo em relação à visão estigmatizadora da sociedade. As proprietárias das casas de entretenimento noturno, juntamente as garotas que lá

²⁰ O espaço em questão é o da casa noturna A Favorita.

²¹ Utilizamos essa expressão no plural, porque a maior parte das garotas que moram nas casas noturnas são oriundas de outras cidades e estados, e parece sempre estarem de passagem. O aumento do fluxo de garotas nessas casas se dá na abertura da pesca, que corresponde ao mês de março a dezembro, época de alta temporada. Nos períodos de baixa temporada da pesca as meninas migram para outras boates da região ou para boates de cidades de médio porte.

trabalham, acabam, mesmo que inconscientemente, transformando a Vila das Garotas em um território de potencialidades e transformação, já que outras casas foram abertas e, outras duas estavam sendo construídas em 2012.

5 ASPECTOS SUBJETIVOS DOS SUJEITOS QUE ENGENDRAM O TURISMO SEXUAL EM ROSANA

É sob a égide do turismo de pesca que se engendra toda a dinâmica do turismo sexual no município de Rosana. O turismo de pesca serve como artífice para a entrada de turistas oriundos dos mais diversos estados do Brasil, já que a localização geográfica do município de Rosana é contemplada pela presença dos rios Paraná, ao norte e oeste, e Paranapanema, ao sul, área está circundada por uma rica hidrografia, paisagens naturais e pela existência de uma diversidade de peixes.

Contou-nos o senhor Rubens, barqueiro, encarregado do transporte das crianças que moram nas ilhas até suas respectivas escolas, que com o final das obras das hidrelétricas ocorreu um processo de pesca predatória e, conseqüentemente, houve a redução da quantidade de peixes, deixando muitos ribeirinhos e moradores ociosos, sem seus empregos, até então gerados pela construção das hidrelétricas. É neste momento que nasce o turismo em Rosana. Ainda, diz seu Rubens, foram os próprios ribeirinhos/pescadores que potencializaram o turismo e indiretamente o turismo sexual, “*por não terem outra opção de trabalho no município*”, ressaltando: se o “*turismo acabar, acaba Rosana, porque Rosana é movimentada pelo turismo*”.

Durante as entrevistas de campo conseguimos estabelecer contatos com os turistas presentes nos territórios das casas noturnas, ou seja, na Vila das Garotas. Sempre muito atenciosos, os turistas se referiam ao município rosanense como o melhor lugar para se “curtir” com os amigos. Alegaram que a cidade é muito pacata, mas movimentada (na alta temporada), que gostam dos serviços prestados pelos pirangueiros, que os ranchos são bons e localizados em excelentes áreas voltadas à pesca, os moradores são afáveis e quando querem extravasar um pouco conseguem facilmente achar a companhia de uma mulher, e não precisam se preocupar em serem vistos acompanhados.

A fala mencionada acima nos leva a ter uma ideia de como os turistas “percebem” o município de Rosana e como utilizam esse lugar. As formas como interagem com a cidade são fragmentadas, pois a princípio vivenciam os territórios de prazer do turismo de pesca e, simultaneamente, desfrutam dos territórios de prazer, dos devaneios do corpo. Assim, os territórios com os quais os turistas se relacionam são segregados, inviabilizando, quase sempre, a compreensão da produção socioespacial rosanense por parte dos sujeitos que apropriam-se desses territórios por algumas horas ou dias.

Assim, nos meses que antecedem a abertura da pesca – novembro a março – a cidade mostra-se pacata aos moradores. O ritmo interiorano faz-se presente. Pouco fluxo de carros nas ruas, comerciantes conversando nas portas de suas lojas, supermercados e bancos com poucas filas, as famílias usufruindo à vontade do balneário municipal, sem receio de levarem seus filhos para brincarem no parque ou nas águas do rio Paraná Tudo transcorre calmamente com a ausência dos turistas, e, não havendo turistas, também não há garotas de programa no balneário municipal, havendo dessa forma, uma espécie de contração (fechamento da pesca/diminuição de turistas) e expansão (abertura da pesca/aumento de turistas) da cidade, em relação a sua

apropriação por parte dos turistas.

Nos feriados que correspondem à alta temporada chegam a faltar produtos nas prateleiras, fazendo-se notória a presença dos turistas nesses estabelecimentos, pois seus trejeitos assemelham-se, caracterizando-os como turistas. Além de possuírem geralmente a mesma faixa etária, possuem o mesmo comportamento no ato de realizarem suas compras. Sempre alegres e descontraídos, demonstram seus “físicos”, satisfação por chegarem ao município da “alegria”, enchem seus carrinhos de uísque, cerveja, carne e carvão, conversam, falam e riem alto e depois vão embora rumo aos ranchos, em seus carros ou caminhonetes de luxo, emitindo em “alto e bom som” um fundo musical de uma dupla sertaneja, que talvez, no momento, esteja em evidência.

O momento é de descontração geral, pois, então, em Rosana, esses homens tornam-se “desconhecidos”, porém, turistas e, assim os sendo, são aceitos da maneira como se “apresentam”: “gentis”, alegres, descontraídos e muito bem sucedidos financeiramente, aliás, na concepção das garotas de programa, todos os turistas são bem sucedidos, portanto, turista, para elas, é sinônimo de dinheiro, não importando quem seja e de onde venha, mas, sim, quais são os benefícios financeiros que esses homens pode trazer à garota de programa ou à casa noturna.

Os trabalhos de campo apontaram que os moradores não se incomodam com a presença dos turistas, pelo contrário, mostram-se favoráveis a presença deles. Por mais que tenham a consciência de que esse tipo de turismo esportivo oculta a atividade sexual comercial, acham que o turismo na cidade traz benefícios para a economia local, já que direta ou indiretamente, seja no comércio ou no mercado informal, muitas pessoas beneficiam-se economicamente com a presença dos turistas no município.

Mesmo com a ciência de que o turismo sexual traz divisas para a localidade, a pesquisa de Gonçalves, Pimentel e Custódio (2016) aponta que os principais órgãos regulamentadores do turismo, não compreendem o turismo sexual como segmento de mercado. Quando se aborda o que o termo denota, os pesquisadores trazem que para os estudantes de turismo, entrevistados para o artigo, o turismo sexual não está relacionado diretamente com exploração, abuso, crime e/ou tráfico de pessoas, pelo menos para 73% destes. No entanto, a temática ainda reacende discussões e controvérsias, muitas vezes embasadas em preceitos éticos e morais.

Os territórios do comércio sexual se constroem como espaços específicos e ao mesmo tempo dicotômicos, pois de um lado encontram-se indivíduos que aparentemente demonstram-se estruturalmente bem sucedidos e estão ali a procura do prazer que o outro, no caso, “a outra” possa lhe proporcionar; e, de outro lado, existe a figura da garota de programa que está em busca do dinheiro. Várias garotas de programa relataram o problema que enfrentam para suprirem suas necessidades básicas, principalmente as dos filhos. Atrasos no pagamento do aluguel, da conta na farmácia, da mercearia e em lojas foram as reclamações que mais ouvimos. Então, para angariarem mais dinheiro, procuram fazer o máximo de programas possíveis na semana/dia; é o momento no qual o corpo feminino se transforma em uma mercadoria e ele não está sendo vendido, mas está sendo trocado por um valor monetário que possibilitará à garota de programa utilizá-lo para suprir suas necessidades básicas.

O turista que chega a Rosana para desfrutar dos territórios do prazer, “amortiza” as relações sociais desiguais que envolvem a garota de programa e o histórico de sua inserção na prostituição. Os aspectos simbólicos inerentes ao “ser” garota de programa são ocultados por ambas as partes – garotas e turistas – que ao consolidarem o programa procuram desenvolver performances que não desmistifiquem suas verdadeiras identidades. Eis então a grande metamorfose: os turistas concebem Rosana como

“Rozona”, a cidade da alegria e da diversão, a cidade do lazer voltado para o público masculino, o lugar onde esses homens acabam fazendo o uso efetivo do lugar através do uso dos corpos. Esses turistas percebem a cidade de Rosana como um *locus* do prazer, desfrutado por meio da força laborante dos corpos femininos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi realizado entre os anos de 2011 e 2012, atualmente, houve uma transformação dos territórios do comércio sexual em Rosana. As casas de entretenimento noturno fecharam no ano de 2014, por determinação judicial. No entanto, a interdição da Vila das Garotas não se transformou em uma condicionante para o término do agenciamento dos corpos no período em que a pesca é aberta. Os territórios do comércio sexual converteram-se em novas configurações. Se antes existia um território para a prática do turismo sexual, hodiernamente, os agenciamentos dos corpos intercorrem nos ranchos que estão dispersos por todo o município de Rosana.

Embora tenha ocorrido uma nova reconfiguração do comércio sexual, a dinâmica econômica segue as mesmas características no período em que transcorreu a pesquisa de mestrado. Os turistas, simultaneamente, às garotas de programa dinamizam a economia local. Dessarte, partindo da assertiva que o espaço geográfico é uma produção social e que, portanto, nele existe um valor decorrente de um trabalho materializado e acumulado, através de uma multiplicidade de usos por parte dos sujeitos neles inseridos, podemos dizer que a cidade de Rosana é constituída por modos de produções e apropriações multifacetadas. Ao articular o território à forma como os sujeitos nele inserido o (re) produzem, passamos a ter uma visão mais geral de como a sociedade rosanense estabelece suas relações sociais, pois o processo de (re) produção está associado à dinâmica de vida dos grupos sociais. No caso da pesquisa, podemos dizer que o processo espaço-temporal da formação do município de Rosana construiu uma identidade cultural e um mecanismo de acumulação de capital voltado ao mercado turismo sexual.

Portanto, a construção analítica de que o comércio sexual não se restringe apenas ao ato consumado do programa só foi possível devido à aplicação da metodologia da pesquisa participativa no transcorrer dos trabalhos de campo realizados, especialmente na Casa Amarela, da proprietária Luiza. Somente por meio desse procedimento metodológico é que conseguimos verificar com mais detalhes as práticas sociais presentes no interior das casas noturnas e, por meio delas, pudemos perceber os diferentes aspectos identitários dos sujeitos que habitavam cada casa na Vila das Garotas.

Nesse sentido, encontramos na metodologia da pesquisa qualitativa o aporte necessário para o desenvolvimento do trabalho. Foi a partir da aplicabilidade dessa metodologia em campo, especificamente, da observação participante, que conseguimos levantar uma série de informações que no término da pesquisa de mestrado abriram a perspectiva de estudos futuros. Desse modo, as narrativas concedidas por proprietárias de casas noturnas e garotas de programa foram primordiais para a produção de informações sobre o processo de territorialização das casas de entretenimento noturno no município entre as décadas de 1960 a 2013.

Por isso, neste trabalho consideramos a observação participante como um procedimento metodológico importante para a produção do conhecimento científico por ter nos dado possibilidades de uma gama indispensável de informações para a pesquisa.

Essa metodologia nos assegurou um meio de conhecer e compreender efetivamente as relações que permeiam e condicionam o turismo sexual no município. Sem essa metodologia, os resultados da pesquisa empírica, respaldada em referenciais teóricos, poderiam deixar de revelar aspectos singulares no âmbito do vivido pelos sujeitos inseridos na dinâmica do turismo sexual.

REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- DAMATTA, Roberto. **A Casa & A Rua, espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1997.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- GONÇALVES, Leonardo Giovane Moreira; PIMENTEL, Juliana Maria Vaz; CUSTODIO, Vagner Sergio. Turismo Sexual e Exploração Sexual: paradigmas conceituais de estudantes de turismo. 7º SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA & POLÍTICA, Curitiba, 2016, **Anais...** UFPR, Curitiba, 2016.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 12. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultura, 1979.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço. Uma nova política da espacialidade**. Tradução: Hilda Pareto Macial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- OLIVEIRA, Tito Carlos, M. de. (Org). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2005.
- PIMENTEL, Juliana Maria Vaz. **Territórios e territorialidade da prostituição em Rosana (SP)**. 2013. 163f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Grande Dourados, (UFGD), 2013.

PIMENTEL, Juliana Maria Vaz; GONÇALVES, Leonardo Giovane Moreira. Aspectos simbólicos inerentes ao agenciamento do corpo na prática do turismo sexual em Rosana (SP). 7º SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA & POLÍTICA, Curitiba, 2016, **Anais...** UFPR, Curitiba, 2016.

RAFFESTIN, Claude. **A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira**. In: OLIVEIRA, Tito Carlos, M. de. (Org). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução: Marai Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma abordagem territorial. Territórios e territorialidades – teorias, processos e conflitos**. In: SAQUET, Marcos, A.; SPÓSITO, Eliseu, S (Orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SIMÕES, Soraya, S. **Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca**. Niterói: EdUFF, 2010.

SOUZA, Francisca, I. **O Cliente o outro lado da prostituição**. 2ed. São Paulo: Annablume: Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

Sexual tourism:

symbolic aspects about the process of territorialization of the negotiation of bodies in the Girls' Village

Abstract

The objective of this discussion aims to demonstrate what are the conditions that engender the institution of the territories of the sexual trade in the city of Rosana (São Paulo) and how the agencies of the bodies involved in this activity occur. The central point for understanding the territories and territorialities of prostitution is through the narratives of residents, called "girls", owners of night entertainment houses and tourists, because these are the subjects who are daily encountered with the circumstances "hidden" by the dynamics of "sex tourism" dressed as "fishing tourism". The city of Rosana, located in the extreme west of the state of São Paulo, was structured after the construction of two Hydroelectric Power Plants in the 1980s, which became exponents that generate employment not only for the citizens but also for thousands of workers who arrived in the city. However, with the completion of the works, many became unemployed, thus triggering a strong economic crisis in the city. With the lack of employment many residents entered the informal market, developing activities related to tourism. Because Rosana is located in a geographical area contemplated by the confluence of the Paraná and Paranapanema rivers, fishing tourism has gained expansion and today there are many residents who survive from the "profit nets", generated indirectly through sex tourism. With the opening of fishing every March 1st, this practice gains notoriety both for the number of women arriving at night

entertainment houses and for the number of tourists who circulate in the city looking for ranches, inns and sexual entertainment, thus altering the quiet rhythm of the city and driving the economy of the formal and informal commercial sectors, among which sex tourism, a theme on which this work is available.

Keywords: *Sexual Tourist. Territorialization. Sex Trade. Negotiation of Bodies. Girls Village.*

Artigo submetido em 05/08/2021. Artigo aceito em 30/09/2021.